

# SUPLEMENTO

AMBIENTE

## crónicas do meu jardim

Parte 1: As aves

Texto e fotografia | **Carlos Steinwender**  
[cronicasdomeujardim@sapo.pt](mailto:cronicasdomeujardim@sapo.pt)

Ao contrário do que a maioria das pessoas poderia supor, as nossas casas, com os seus jardins, hortas, muros, tanques ou simples canteiros e terraços, não nos pertencem por inteiro... na verdade, muitas vezes sem nos apercebermos, repartimos estes espaços com uma miríade de seres vivos que aprendeu a tirar partido dos diferentes habitats que inadvertidamente lhe proporcionamos. Trata-se de uma vizinhança inaudita constituída por diferentes espécies de aves, mamíferos, répteis e anfíbios que partilham connosco as mesmas preocupações quotidianas: alimentar-se, proteger-se, cuidar das crias e sobreviver.



# ATRAIR AS AVES

Uma das marcas do concelho de Lousada é a sua paisagem. Eminentemente rural, todavia fortemente humanizada, o povoamento deste território dispôs-se ao longo dos cursos de água, tanto quanto das estradas que retalham os cada vez mais minguados espaços naturais. Não se estranha, por isso, que à medida que se erguem novas barreiras artificiais cortando corredores ecológicos que impedem a natural circulação da fauna selvagem, muitos animais sejam empurrados para uma convivência cada vez mais próxima com os 493 habitantes por km<sup>2</sup> que ocupam este território. Todavia, se algumas espécies procuram manter uma respeitável e previdente distância face aos seus vizinhos humanos (não vá um primeiro e talvez casual contacto vir a revelar-se o último), outras, ao invés, não se absterem de propagandear as mais-valias de uma intensa relação interespecífica, a ponto de terem adaptado o seu *modus vivendi* (leia-se: *disponibilidade para tolerar os seres humanos*) aos mais improváveis *habitats* disponibilizados pela infinda capacidade criativa do género Homo, nomeadamente das subespécies *arquitectus* e *ingenheirus*.

Mais ou menos naturalizados, os nossos jardins constituem um desses extraordinários *habitats*. Longe de me considerar um *nerd* ambiental tenho, ainda assim, umas quantas costelas ecológicas que, de quando em vez, me impelem a reflexões acerca do crescente

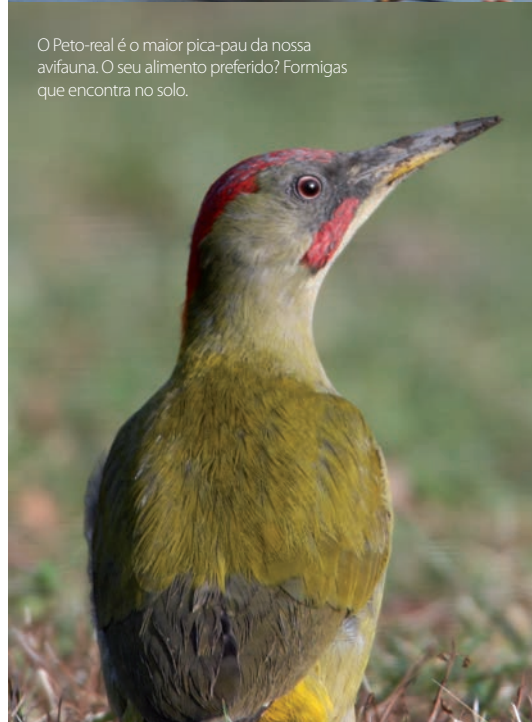
tamanho da nossa pegada ecológica (a minha é um 43 bem medido). Vai daí, depois de ter construído casa nas terras de Lousada, vilipendiando ambientalmente o terreno destinado à minha humilde morada, dei por mim a matutar na forma mais eficaz e célere de minimizar os seus impactes naturais. A resposta foi óbvia: fazer um jardim!

Comecei por criar um ervado (leia-se: *tentei criar um relvado que acabou, de forma natural e gradual, por evoluir para um ervado*) destinado a servir de “pastagem” aos bandos de aves insectívoras e frugívoras. Plantei sebes naturais destinadas a servir de abrigo e proporcionar alimento aos pequenos passeriformes (os azevinhos, os folhados, os loureiros, os medronheiros e os sanguinhos de água, por exemplo, fornecem bagas em diferentes alturas do ano atraindo inúmeras espécies de aves), dispus estrategicamente algumas espécies de árvores (carvalhos, castanheiros, pilriteiros e bétulas) destinadas a criar um nano-bosque que atraísse e acolhesse entre as copas frondosas as aves de maior porte que, por vezes, visitam os nossos jardins. Dediquei-me à plantação de um pequeno pomar destinado a proporcionar-me os deleites sazonais da fruta biológica mas também a partilhá-la com as aves (escusado será dizer que falhei nas sucessivas tentativas de clarificar junto dos meus vizinhos alados o sentido da palavra “partilhar”). Para além disso, moldei uma pequena horta, alimentada por uma pilha de composto orgânico e livre

Um punhado de sementes deixadas sobre uma mesa de jardim num dia de inverno são suficientes para atrair as aves, neste caso, um Pisco-de-peito-ruivo.



O Peto-real é o maior pica-pau da nossa avifauna. O seu alimento preferido? Formigas que encontra no solo.





de adubos, inseticidas e herbicidas. Criei pontos de água destinados a servir de bebedouro, coloquei comedouros artificiais (na falta destes, espalhar sementes pelo chão ou sobre uma mesa de jardim acabará por atrair as aves mais afoitas), semeei girassóis (as sementes são muito atrativas para algumas aves) e deixei um canto do jardim entregue à vegetação espontânea para que a Natureza seguisse o seu curso.

Proporcionar pontos de nidificação num jardim em construção, não é fácil. Por isso, enquanto as árvores e as sebes não cresciam o suficiente para oferecer naturalmente essas condições, criei soluções alternativas: retirei pequenas pedras do miolo de um muro em alvenaria para criar espaços destinadas às espécies que nidificam em cavidades; coloquei uma caixa-ninho de madeira na única árvore com porte digno desse nome (um plátano que milagrosamente sobrevivera às purgas arborícolas dos anteriores proprietários do terreno); fixei à parede do alpendre uma plataforma em madeira para servir de base a um eventual ninho e alterei o sistema de evacuação dos respiradouros existentes na cobertura da casa criando uma plataforma coberta para os potenciais inquilinos. Concluída a hercúlea tarefa de substituir a mãe natureza, restava apenas uma coisa: esperar.

# CONVIVER COM AS AVES

Antes mesmo da primavera chegar, já os primeiros visitantes começavam a aportar ao meu projeto de jardim. A horta e o relvado (perdão, ervado!) converteram-se nos espaços mais cobiçados. Um peto-real mudou-se com a família para a minha “pradaria” verde, esburacando alegremente o terreno em busca de formigas, enquanto as petinhas-dos-prados e as alvéolas-brancas se dedicavam a debicar os insetos que pululavam entre as folhas. Na horta, enquanto os melros se entretinham a esgravatar e a espalhar a terra fofa dos alfobres em busca de minhocas, os pardais dedicavam-se com fervor à tarefa de delapidar o meu património de tenras alfaces. Durante o inverno, as rolas-turcas e os pombos-torcazes rapidamente se tornaram fregueses dos comedouros, partilhando as sementes com os chapins e os verdilhões. Os piscos, sempre curiosos, adoravam debicar as migalhas deixadas no parapeito da janela da cozinha. A pilha de composto, por seu lado, tornou-se o faroeste da passarada, potenciando disputas animadas sempre que ali se depositavam restos orgânicos, nomeadamente fruta. No telhado, um rabirruivo-preto macho era sentinela constante enquanto os estorninhos, arremetendo em bandos nervosos, passavam o ervado a pente fino em busca de larvas.

Quando a primavera chegou, o muro em pedra (sem cimento nos interstícios!) recebeu um inesperado ninho de poupa. Pouco depois, um casal de alvéolas decidia-se por um apartamento de luxo com vista para o jardim, num dos respiradouros do telhado. Mais tarde, descobri que a caixa-ninho que colocara no plátano recebera uma ninhada de chapins-azuis e que um casal de ruidosas carriças decidira criar a sua prole entre um monte de lenha à espera de ser cortado.

Os anos foram passando. As árvores e as sebes cresceram, e com eles o número de espécies a nidificar, a visitar os bebedouros ou a banquetear-se com a comida gourmet deixada à disposição nos comedouros, na pilha de composto ou nas árvores de fruto (bem... esta última não estava propriamente à disposição. Foi, isso sim, apropriada!). Para se ter a noção da importância destes espaços naturalizados para a avifauna, em menos de uma década, o meu jardim registou a nidificação de 15 espécies diferentes e a ocorrência regular de 57 espécies. Enquanto escrevo estas linhas, uma última e derra-

deira espécie se junta à longa lista de aves que se deixaram aliciar pelo meu jardim. Trata-se de um pica-pau-malhado-grande que, seduzido pelos meus recentes investimentos no setor imobiliário (leia-se: *caixas-ninho de madeira*), decidiu, à revelia das minhas vontades ornitológicas, apropriar-se de todos os ninhos que coloquei (5 no total!), alargando as suas entradas e pernitando, a seu bel-prazer, ora nesta, ora naquela morada. É certo que na próxima primavera os chapins não vão utilizar as novas caixas-ninho que coloquei a pensar neles, ainda assim, talvez tenha o privilégio de acompanhar, da minha janela, as aventuras e desventuras de uma família de pica-paus às voltas com a prole... no meu jardim.



Apesar do seu tamanho, a Carriga é uma das mais ubíquas e curiosas aves dos nossos jardins.

## IDENTIFICAR AS AVES

O mais extraordinário num jardim, tenha ele um hectare ou se limite a uns metros quadrados de varanda com algumas floreiras, é o condão de nos permitir acompanhar as estações do ano, à medida que as plantas vão mudando de feição. Esta circunstância é tão mais vívida quanto diverso e atrativo for o jardim para a fauna selvagem, nomeadamente as aves. De facto, atendendo às dezenas de espécies de aves residentes ou migradoras que existem no concelho de Lousada, é garantida animação em qualquer jardim ao longo de todo o ano. Ainda que a maioria das pessoas tenha dificuldade em distinguir as diferentes espécies de aves, o facto é que muitas delas são visi-

tantes comuns dos nossos jardins e espaços urbanos. Todavia, para que os nossos jardins possam funcionar como chamarizes para as aves, importa conhecer as espécies que procuramos atrair. Os requisitos são mínimos: um guia de aves, um par de binóculos, uma boa dose de paciência e uma pitada de persistência. Verá que rapidamente a ornitologia deixará de ser um mistério, passando os voadores a ganhar forma e a ser rapidamente reconhecidos pelos nomes, se não os de *Linnaeus*, pai da taxonomia moderna, pelo menos os vernaculares, à moda de Portugal. Tomemos como exemplo a avifauna que frequenta o meu singelo jardim, plantado aqui, em terras de Lousada. Entre as aves re-

sidentes, isto é, que não encetam migrações periódicas, algumas são verdadeiros *clássicos* nas minhas matinés de jardinagem, como o melro-preto, o pisco-de-peito-ruivo, o rabirruivo-preto, a alvéola-branca, a carriga, os chapins, a toutinegra-de-barrete, o tentilhão-comum, o verdilhão, a milheirinha, o pardal-de-telhado, a ferreirinha, a rola-turca, o pombo-torcaz ou o estorninho-preto. Outros, embora residentes, são visitantes de ocasião e chegam-se ao meu jardim quando o outono doura as folhas e amadurece os últimos frutos, como o gaio, a pega, a gralha-preta, o peto-real e o pica-pau-malhado-grande. Outros ainda, porque chegam de noite, escutam-se mais do que se vêem.





Um Chapim-carvoeiro em plena degustação de um diospiro.

Empoleiram-se na nogueira que sombreia a porta da casa e lá se entretêm, noite adentro, a aterrorizar os meus supersticiosos vizinhos humanos com os seus miados e ululares lúgubres que a Idade Média cristã diabolizou e tornou sinal de mau agouro<sup>1</sup>. Refiro-me à coruja-do-mato ao mocho-galego e à rara e espetacular coruja-das-torres, visitantes verdadeiramente *VIP* (leia-se: *Voadores de Interesse Particular*) do meu pequeno éden. Quanto às suas homólogas diurnas, essas chegam sem estação nem dia marcado. Tanto gaviões como peneiros são planadores comuns, partilhando os céus com o casal residente de águia-de-asa-redonda cujas elaboradas acrobacias aéreas durante as paradas nupciais figuram entre o Top 10 dos

registos de vida selvagem mais espetaculares do meu jardim.

Mal desponta a primavera, começam a chegar as espécies migradoras transarianas para nidificar. Algumas são proverbiais, como as andorinhas ou os andorinhões. Outras, como a poupa, o cuco-canoro, o tordopinto ou os noctívagos noitibó-cinzento e rouxinol-comum, mantêm um *low profile* condizente com a sua condição de estrelas da música alada: fazem ouvir o seu inconfundível canto acima de todos os outros, mas resguardam-se das objetivas curiosas de qualquer jardineiro *paparazzi*.

Quando o verão se adianta, começam a chegar ao meu jardim ressequido as pequenas aves insetívoras provenientes do norte da Europa rumo aos locais de invernada em África. Entre as mais belas e destemidas migradoras de passagem contam-se o papamoscas-preto e o taralhão-cinzento, duas espécies facilmente identificáveis pelo facto de serem frequentemente observadas empoleiradas numa cerca ou num ramo, levantando voo para caçar insetos que passam, e regressando ao seu poleiro original.

Finalmente chegam as geadas, e os dias, cada vez mais curtos, fazem-se de frio e tempestades. É por esta altura que chegam as visitas aladas de inverno. São pequenas e delicadas e aparentemente tão frágeis que custa a crer que para cá chegar tenham voado milhares de quilómetros. Todos os anos as recebo de forma festiva: encho de semen-

tes os comedouros artificiais, revolvo partes da horta para expor as larvas enterradas e limpo as caixas-ninho para que lhes possam servir de abrigo nos dias de tempestade. Alguns, como o tentilhão-montês chegam em bandos que vão engrossando à medida que o inverno progride, outros, como a felosacomum ou a petinha-dos-prados chegam discretamente.

Um dia, o inverno chega ao fim. Partem as aves invernantes e chegam as primeiras migradoras estivais. Os céus enchem-se de vida e o meu jardim, mantendo a tradição, aprimora-se para mais um ciclo de crónicas aladas.

A Poupa é uma das mais vistosas e espetaculares aves migradoras que visita os nossos jardins durante a época de nidificação.



<sup>1</sup>Embora se trate de um mito sem qualquer fundamento, ainda hoje o pio de uma coruja é considerado por muitos como o prenúncio da morte de alguém. Na verdade, as corujas e os mochos são aves de rapina de hábitos noturnos, sendo fundamentais no controlo das populações de roedores, sobretudo ratos, já que estes constituem a base da sua alimentação.